

# A fenomenologia como possibilidade epistemológica de uma crítica às teorias do desenvolvimento infantil.

The phenomenology as an epistemological possibility of a critique of the theories of child development.

Maira Prieto Bento Dourado

Como citar esse artigo. DOURADO, M.P.B. A fenomenologia como possibilidade epistemológica de uma crítica às teorias do desenvolvimento infantil. *Revista Mosaico*, v.11, n.1, p. 47-53, 2020.

## Resumo

O presente artigo propõe fundamentar epistemologicamente a necessidade do pensamento crítico em relação às teorias do desenvolvimento humano utilizadas pela psicologia. Aqui procuramos introduzir uma crítica a partir da fenomenologia e de elementos que caminham na contramão do modo hegemônico de pensar a ciência sobre a vida humana. A doutrina fundamentada em Husserl e Heidegger aponta o empenho em problematizar o modo de fazer ciência hegemônico de suas épocas, apresentando a fenomenologia como um caminho possível para romper com o positivismo e com os imperativos da ciência moderna. A psicologia Fenomenológico-Existencial absorveu essa cadeia de críticas: oposição ao pressuposto de um sujeito (reduzido), seja como aparato psíquico, seja comportamental. Nesse sentido a postura da fenomenologia nos permite explorar propostas de investigação que cultivam novos caminhos para alcançar novos resultados que reconhecem o desenvolvimento infantil e humano num curso não-linear, porém progressivo dos ciclos da vida, no qual não existe a obrigatoriedade de se passar por todos os ciclos.

**Palavras-chave:** desenvolvimento infantil; fenomenologia; epistemologia; Heidegger; Psicologia Fenomenológico-Existencial

## Abstract

This article proposes to epistemologically substantiate the need for critical thinking in relation to the theories of human development used by psychology. Here we try to introduce a critique based on phenomenology and on elements that go against the hegemonic way of thinking about human life. The doctrine based on Husserl and Heidegger points to the effort to problematize the way of doing hegemonic science of their times, presenting phenomenology as a possible way to break with positivism and with the imperatives of modern science. Phenomenological-Existential psychology has absorbed this chain of criticism: opposition to the assumption of a subject (reduced), either as a psychic or behavioral apparatus. In this sense, the posture of the author allows us to explore research proposals that cultivate new paths to achieve new results that recognize child and human development in a non-linear, but progressive course of life cycles, in which there is no obligation to go through all cycles.

**Keywords:** child development; phenomenology; epistemology; Heidegger; Phenomenological-Existential Psychology

## Introdução

A proposta de discutir as etapas iniciais da vida através de modos de pensar que fundamentam críticas às teorias do desenvolvimento humano utilizadas pela psicologia nos conduz a buscar elementos que caminham na contramão do modo hegemônico de pensar a ciência sobre a vida humana. Aqui procuro introduzir a rediscussão crítica a partir de autores que exploraram possibilidades não naturalizantes sobre o tema. A doutrina fundamentada em Husserl e Heidegger aponta o empenho em problematizar o modo de fazer ciência hegemônico de suas épocas, apresentando a fenomenologia como um caminho possível para romper com o positivismo e com os imperativos da ciência moderna.

Deslocar a perspectiva do pensamento hegemônico, em busca de uma epistemologia que abarque críticas a um conhecimento cristalizado e sedimentado historicamente, encontra um entrave subjetivo, visto que o pensamento cartesiano está entranhado em nós, em nosso cotidiano, de modo tão automático que se torna muito difícil ser indiferente a ele. Para se lançar na constituição de um novo prisma sobre o desenvolvimento humano, é preciso estar aberto para possibilidades que busquem diferentes pontos de vista, alcançando resultados distintos do esperado, arriscando o pensar em percursos e caminhos não tão conhecidos ou não conhecidos previamente.

A visão cartesiana parece impor uma impossibilidade de diálogo entre ela e outras visões, visto que não admite a pluralidade de verdades - ela é unívoca e universal, na qual todas as dúvidas acabam

Afiliação da autora:

Doutoranda e Mestre em Estado e Sociedade - UFSB (Universidade Federal do Sul da Bahia), Bahia, Brasil.

\* Email de correspondência: mairadourado@gmail.com

Recebido em: 25/11/19. Aceito em: 07/05/20.

sendo superadas pela certeza universal do cogito, ergo sum, o eu penso cartesiano como a primeira e a mais evidente certeza. Com Descartes, a epistemologia ganha o caráter de uma *Mathesis Universalis*, um princípio que fundamenta a verdade. A etimologia da palavra epistemologia remete ao Grego *Episteme* "conhecimento", "entender e saber fazer" (SOUZA, 2011), ou seja, ao estudo do conhecimento, bem como a sua produção enquanto teoria do conhecimento.

Na corrida pela produção de conhecimento, calcada nos critérios da ciência moderna, considerando a modernidade desde Descartes, a epistemologia dobrou-se ao modo de fazer ciência da sua época. A busca por um estatuto de ciência fundamentado e normativo manteve a epistemologia endurecida e afastada de realidades que exigiam dela certa flexibilidade, como nos estudos das práticas em ciências humanas e sociais (GIANNELLA, 2015). Com a ideia de uma ciência universal (*Mathesis Universalis*), Descartes fecha o caminho para uma visão plural do conhecimento<sup>1</sup>.

## Contextualização

Husserl e Heidegger apresentam críticas ao positivismo e à ciência moderna que são os fundamentos das suas fenomenologias e foram se constituindo no contexto epocal dos autores. Os antecedentes teóricos e históricos que permitem compreender o nascimento do positivismo e da ciência moderna iluminam e dão sentido às críticas que os teóricos da fenomenologia propõem e fazem combativamente, as quais os seguidores da fenomenologia - utilizando-a como ferramenta instrumental - tomam como uma premissa, uma crítica já dada.

A contextualização dos elementos que dão origem ao axioma positivista possibilita a compreensão da constituição do modo de pensar moderno na linha do tempo da ciência. As transições dos modelos econômicos, desde o feudalismo até o capitalismo hegemônico nos dias atuais, mostraram-se determinantes, bem como sendo determinados por modos de pensar de cada época (CHAVES & CHAVES, 2000; GIANNELLA, 2015). Na idade média, o domínio do saber pela religião fundamentando o geocentrismo pela fé mostrou-se frágil diante do heliocentrismo, teoria defendida no séc. XVI por Copérnico e justificado matematicamente por Galileu (CHAVES & CHAVES, 2000; GIANNELLA, 2015).

Francis Bacon, no início do séc. XVII, introduziu um modo de pensar o conhecimento, o empirismo, visando o domínio do conhecimento pelo homem, através do domínio do homem sobre a natureza, bem como o domínio dos seus próprios pensamentos (CHAVES & CHAVES, 2000). O enaltecimento do objetivismo e a disciplinarização do pensamento seriam,

a partir de então, os fundamentos para a produção de saber. Entretanto, ainda no séc. XVII, é Descartes quem se torna o marco da ciência moderna propondo, em "O discurso sobre o método", uma unificação do saber, na qual apenas o conhecimento legítimo é reconhecido e essa legitimidade é conquistada através do método analítico, cujo processo consiste na decomposição do objeto em quantas partes forem necessárias, seguindo daí uma ordenação lógica dos elementos obtidos (CHAVES & CHAVES, 2000; GIANNELLA, 2015).

O caminho do pensamento cartesiano correspondia ao momento histórico, à atmosfera da época, em que a crise da igreja e da religião solicitava novos esteios para a produção de conhecimento. Sob a regência da matemática, a transição do paradigma judaico-cristão para um novo paradigma científico encontrou respaldo. Para dominar a natureza e o pensamento, era preciso retirá-los do dogmatismo religioso e filosófico da escolástica, e colocá-los sob o prisma de uma nova certeza, não mais a certeza de verdades tomadas de antemão, mas de uma verdade que passasse pelo escrutínio da dúvida, que em Descartes é assegurada pelos princípios lógicos e matemáticos da certeza e da evidência, da divisão e da enumeração. Com isso, Descartes oferece em seu método um alicerce para um mundo que estava se desestabilizando com a queda das crenças da igreja católica, com as novas colônias, o contato com novas culturas e com a ampliação dos horizontes. A transição se reifica no séc. XIX com a solidificação do capitalismo e da indústria, trazendo a ciência como referencial científico. (CHAVES & CHAVES, 2000; HUSSERL, 2001; GIANNELLA, 2015).

No séc. XIX Augusto Comte elabora a ideia de uma ciência Positivista, uma corrente filosófico-científica, visando estender às ciências humanas os mesmos pressupostos emergentes nas ciências naturais. O modelo comteano é rígido e dirigido às ciências da natureza e suas técnicas, e apresenta elementos normativos e irrefutáveis, rejeitando o que nele não se encaixa; é linear, reducionista e aparentemente livre da contradição. A partir de então, todas as ciências deveriam utilizar o método positivista de padronização, repetição, neutralidade, objetividade, relação dicotômica sujeito-objeto, ordenação e mensuração. (CHAVES & CHAVES, 2000; GIANNELLA, 2015).

Em contraposição à visão da ciência positivista, a razão científica é histórica e marcada pela cultura na qual se inscreve. Desse modo, conforme as culturas se expandem, emergem crises que deixam o sistema hegemônico limitado, demandando propostas e soluções que mantenham o status da ciência cristalizados. Embora percebamos o esforço em manter a ciência em seu status quo, avança-se a emergência de novas epistemologias fundamentadas modos não positivistas de pesquisa. Segundo Santos e Menezes (2010, apud GIANNELLA,

2005), "uma mudança sócio-política não se sustenta sem uma mudança epistemológica"(p. 342).

Para Santos (1987), "a identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno é o resultado do grande conhecimento que ele próprio propiciou" (p.24), tal qual Descartes em sua época quando identificou os limites da ciência de sua época (Husserl, 2001).

## A fenomenologia

De acordo com Husserl (2001) a fenomenologia surgiu a partir dos estudos das Meditações Cartesianas. Analisando-as profundamente, foi possível produzir uma filosofia transcendental que se afastasse radicalmente dos critérios cartesianos de fazer ciência. Nos quais há a pretensão a uma universalidade de um saber único, a um tratamento do objeto de estudo afastado do sujeito, em que este último ocupa um lugar de protagonismo na modernidade, paradoxalmente a uma planificação e homogeneização.

Se aplicamos esse método à certeza da experiência é sensível, na qual o mundo nos mostrado na vida cotidiana, ele não resiste de forma alguma à crítica. (...) Diante da realidade absoluta e indubitável, o sujeito que medita só retém a si próprio como ego puro de suas *cogitationes*, como algo que existe indubitavelmente sem poder ser suprimido mesmo que esse mundo não existisse. A partir daí, o eu, assim reduzido, realizará um modo de filosofar solipsista. Partirá em busca de caminhos de um caráter apodíctico, pelos quais poderá encontrar, em sua interioridade pura, uma exterioridade objetiva. Sabe-se como Descartes procede deduzindo de início a existência e a veracidade de Deus, depois, graças a elas, a natureza objetiva, o dualismo das substâncias acabadas, em uma palavra o terreno objetivo da metafísica e das ciências positivas, assim como essas próprias ciências. Todas essas inferências seguem, como não poderia deixar de ser, os princípios imanentes, ao *ego*, que lhe são "inatos". (HUSSLERL, 2001, p. 21)

A proibição absoluta de uma pluralidade de modos de produzir conhecimento contrasta com a emergência da crise das subjetividades e resulta na ampliação dos estudos das ciências humanas e sociais, na qual seu objeto de estudos não é mais esquadrinhável, pois nas ciências humanas e sociais o objeto é o sujeito, dando sentido às suas experiências, suas vivências e suas relações. Uma crise nas filosofias da subjetividade, as quais, já no século XIX, se mostram insuficientes diante da complexidade da existência humana. E é no próprio Descartes, e em suas Meditações, que Husserl nos convida a conduzir a ciência a muitos renascimentos (HUSSLERL,2001).

Dilthey (2003) propôs uma divisão entre as ciências naturais e as ciências do espírito, fruto da crise em que as ciências humanas passavam, pois estavam se utilizando das metodologias das ciências naturais para seus estudos. Dilthey reconhece que o objeto das

ciências humanas é histórico e temporal, e que solicita uma atitude antinatural do pesquisador.

Uma diferença fundamental da ciência moderna de matriz cartesiana e positivista para a fenomenologia é que, nas primeiras, é uma atitude natural que conduz, enquanto a segunda é conduzida por uma atitude antinatural. Na atitude antinatural, há um movimento que rompe com o dualismo cartesiano mente e corpo, buscando estranhar aquilo que se mostra, tal como postulado por Husserl "ir às coisas mesmas", escapando de teorias e princípios apriorísticos, e se afastando de posturas naturalizantes e normatizadoras. (FEIJOO, 2011).

## Psicologia Fenomenológico-Existencial

Filha de uma época em que reina o pensamento cartesiano, solipsista e paradigmático, a psicologia apresenta, em seu bojo, uma discussão sobre os percursos epistemológicos, pois neles ela mesma se encontra como um problema central naquilo que as ciências modernas postulam como saber fazer. Como pensar um indivíduo que dá sentido, que é possibilidade, que é complexo dentro de tais parâmetros?

Para que o eu da psicologia encontrasse espaço legítimo nas sendas da ciência moderna, foi preciso um ajuste, no qual o eu passa a posicionar objetos no mundo e constituir-se como substância localizável no tempo e no espaço, dotado de determinações e sentidos dados previamente (JACÓ-VILELA, 2004). Há, nesse primeiro momento de entrada na ciência, um abandono do horizonte da constituição do social, político e cultural, um processo de objetivação daquilo que era subjetivo e/ou intersubjetivo, transformando a subjetividade em pura e universal (NEUBERN, 2000; FIGUEREDO, 2003).

Em que pese a individuação ser sempre promovida apesar das custas dos outros..., a imagem de homem dominante era a do indivíduo capaz de discernimento, capaz de cálculo na defesa de seus interesses, ..., capaz de independência em relação à autoridade e à tradição: esta é a imagem legada pelo iluminismo e presente no liberalismo clássico do início do século XIX (FIGUEREDO, 2003, p.21).

Segundo Feijoo (2011), esse abandono consiste em um alheamento do mundo que resultou de uma via dupla: primeiro, da falseabilidade dos fenômenos, falta de consistência, gerando uma necessidade de uma certa crença que fundamentasse os pressupostos teóricos; segundo, o suporte das ciências empíricas estruturadas na perspectiva positivista, na qual o que passa a ser considerado verdade sobre o psiquismo é aquilo que é passível de comprovação empírica, uma rede de comportamentos - seja humano ou neuronal.

Com o abandono do mensurável e do qualificável, o método fenomenológico contribui de forma preciosa àqueles que estudam ou trabalham com crianças, ao focar em seus aspectos qualitativos, permitindo a apreensão do problema desde o ângulo da intersubjetividade. (FREITAS, 2015, pag.50)

A psicologia Fenomenológico-Existencial absorveu essa cadeia de críticas: oposição ao pressuposto de um sujeito (reduzido), seja como aparato psíquico, seja comportamental. Contudo, os autores dessas críticas caíram na mesma armadilha da psicanálise e do Behaviorismo, isto é, de visar reestabelecer um ideal psíquico e/ou um ideal comportamental. Paralelo a isso, a perspectiva fenomenológico existencial ainda mantém na psicologia como profissão o interesse exclusivamente no âmbito privado.

Para a época moderna, conhecer torna-se uma questão de método, ou seja, faz-se necessário formar representações adequadas, claras e distintas e operar a partir dessas representações para alcançar o conhecimento. O conhecimento, para a época moderna, é pautado no que Heidegger denominou de pensamento calculante (CASANOVA, 2011). O método é como um caminho que, ao ser seguido sempre ao mesmo modo, chegar-se-á ao mesmo lugar, garantindo assim a universalidade e a estabilidade do conhecimento verdadeiro.

Se as ciências humanas, ou do espírito (na nomenclatura de Dilthey) podem se enquadrar nesse modelo calculante, ainda não estão presas nesse horizonte de sentido, por não trabalhar apenas com o objetivo, com números e cálculo. Porém, as ciências exatas ou da natureza podem seguir o caminho traçado por descartes, pois trabalham para adquirir o conhecimento e para intervir na realidade operando a partir de representações seguindo critérios, que são, em suma, a essência do cálculo.

Heidegger (2005) remete a homogeneização conquistada pela ciência moderna em seu texto "A questão da técnica" de 1950, e descreve a possibilidade de conviver no mundo da técnica, sem contudo tornar-se escravo dela; aqueles que não são escravos da técnica, tornaram-se cômicos de que existe uma pluralidade e não se curvam mais a essa homogeneidade da técnica. Em vão o homem, por meio do planejamento, vem procurando instaurar uma ordenação no globo terrestre, ou seja, aquele que não está disposto a caminhar em caminhos plurais e visa um planejamento, uma normatização da vida. O autor alemão considera o homem contemporâneo desprovido da capacidade de ser afetado, um homem que está automático, um autômato que vai correspondendo aos apelos do mundo sem se singularizar. Para Heidegger, os apelos do mundo cartesiano são sedutores e dominantes, que por mais que exista um pensamento crítico e reflexivo, de estranhar e de questionar, muitas vezes cai de novo na decadência, ou seja, se a pluralidade de verdades não for

considerada, o homem recairá na uniformidade que o mantém preso à segurança. Heidegger valoriza o simples e enfatiza o quanto que o simples é desconsiderado, o quanto é difícil de sustentá-lo numa era com fartura de ferramentas e abundância técnica. Em Heidegger dizer sim e não à técnica suspende a possibilidade do modelo de verdade ser único, ventilando outras possibilidades, ou seja, dizer sim e não à técnica trata-se aqui de não excluí-la ou negá-la totalmente, mas sim, trabalhar com um horizonte mais ampliado de possibilidades que estaria bloqueado caso fosse dito exclusivamente sim, opção na qual cabe aceitá-la como dada.

A busca por segurança e caminho de certeza é uma tendência da subjetividade constituída no mundo Cartesiano. Para articular a possibilidade do pensamento não autômato não ser em vão, ou seja, sentir o que pensamos não trará mudanças práticas a um determinado prazo (curto, médio ou longo). De fato, pode ser que essa mudança de paradigma seja uma transposição e não uma ruptura total, e que ainda seja muito lenta, tão lenta que o pensamento Cartesiano, chamado de pensamento calculante por Heidegger, não está disposto a esperar. Acreditamos que só será possível essa espera - esse tempo - se houver uma mudança na perspectiva de espaço e de tempo.

Heidegger (2012) propõe um processo de construção, desconstrução e re-construção. Onde a primeira construção se dá no sentido de compreender as estruturas já postas; para isso caminha-se junto-com-o-fenômeno, o processo de desconstrução, a segunda etapa, se dá após um alargamento de horizontes, no qual se desestabiliza o que já está posto a ponto de implodi-lo, na terceira etapa se dá uma construção sobre novas bases, visto que somente a partir delas se pode erguer novas estruturas. Desse modo esta é uma pesquisa de conduta baseada na fenomenologia hermenêutica de Heidegger e seguirá de uma proposta teórica, ou seja, uma ousada proposta de realizar uma análise fenomenológica interpretativa a partir dos textos, aproximando as questões por eles apresentadas das etapas iniciais da vida. A análise fenomenológica interpretativa consiste em uma leitura rigorosa dos textos envolvidos, seguida do delineamento dos aspectos centrais dos textos e da descrição das temáticas principais dos discursos.

## **Psicologia do desenvolvimento infantil: algumas reflexões críticas**

Merleau-Ponty afirma que, em seu início, a psicologia mantém uma atitude de oposição à filosofia. Segundo o filósofo francês, não se tratava de uma visão sobre uma escola em particular, mas de maneira geral via-se no filosofar uma tendência a abstrações, enquanto a psicologia mantinha uma postura cientificista e positivista. A filosofia seria reflexiva;

a psicologia objetiva. A psicologia se baseava, dessa forma, em alguns pressupostos como: enunciação de leis (a lei é mais importante do que os fatos); aplicação dos métodos das ciências naturais; necessidade de ser quantitativa (para que haja ciência, cumpre que haja medida) (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 421-23). É possível considerar as teorias desenvolvimentistas como exemplos de uma concepção de psicologia cientificista, destacando quatro delas como hegemônicas: a de Freud, a de Piaget, a de Vygotsky e da Wallon.

A teoria freudiana, ao investigar o desenvolvimento infantil, partiu do discurso do adulto sobre uma criança, fundamentado sobre os desvios de conduta, das neuroses em adultos e dos mecanismos de regressão (CYTRYNOWICZ, 2018). Os estudos de Freud ganharam força ao estabelecer as fases da infância norteadas para a necessidade da ciência moderna explicar e conduzir, de modo mensurável, a relação entre doença e saúde, em que a saúde passou a ser orientada por critérios psicopatológicos predeterminados.

A teoria de Piaget se desenvolve a partir das estruturas responsáveis pelo desenvolvimento do conhecimento lógico-formal (as estruturas cognitivas vão se constituindo); o autor enfatiza o caráter construtivista, processual e de formação da estrutura do conhecimento. Segundo Gill (2017), Piaget teve grande influência do Funcionalismo, Biologismo e Evolucionismo - movimentos que ganharam força com o positivismo - descrevendo em seus escritos uma normalidade processual na construção do sujeito cognitivo. Piaget destaca o caráter construtivista, processual e de formação da estrutura do conhecimento, afirmando sua teoria num âmbito de verificação, mensuração e determinação.

Vygotsky desenvolve o cerne de suas concepções teóricas a partir de fatores biológicos e sociais do desenvolvimento psicológico, estabelece sua teoria partindo de conceitos advindos da relação estabelecida ente o pensamento e a linguagem, com a construção de significados, internalização e transmissão do conhecimento, mediados pela cultura e experiência cotidiana (OLIVEIRA, M. K. p 23, 1992). A contribuição aos debates desenvolvimentistas à época foi a introdução do critério social - temporal e histórico - na constituição de seus conceitos teóricos. Contudo, o autor manteve o fio condutor do seu pensamento nos movimentos Funcionalista, Biologista e Evolucionista; fiel aos preceitos de fazer ciência, sua busca é por processos normativos que expliquem o funcionamento psicológico do homem.

Wallon segue a linha psicogeneticista e sociointeracionista de Piaget e Vygotsky, e, como Freud, utiliza a doença e o desvio para conhecer a normalidade. De acordo com Wallon, a psicogênese da motricidade está diretamente conectada à psicogênese da pessoa, o ato mental se desenvolve a partir do ato

motor que é intermediado pela interação sócio-cultural do indivíduo (DANTAS, H, 1992). Merleau-Ponty nos aponta o fato de Wallon traduzir a experiência da criança a partir daquilo que é vivido e descrito pelo adulto (MERLEAU-PONTY, 2006, pp. 523-530).

A psicologia do desenvolvimento, aquela que estuda a criança e todas as etapas até ela se tornar adulta, mostra-se inclinada a valorizar os critérios quantitativos, e por meio deles abordar as questões que envolvem aprendizagem como a inteligência, o intelecto, o cognitivo, a despeito de outras formas de "desenvolvimento". Concordamos, assim, com Merleau-Ponty quando ele aponta para uma reestruturação da experiência, em que o desenvolvimento do corpo, da personalidade e da intelectualidade fazem parte de um desenvolvimento dinâmico.

## O desenvolvimento dos ciclos da vida sob o enfoque Fenomenológico Existencial

Os estudos sobre a criança suas etapas de vida sequenciais até chegar na vida adulta iniciaram na idade média (DEL PRYORI, 2002) e foram se aprimorando de acordo com a evolução do pensar científico, segundo Dourado (2019a) :

As teorias do desenvolvimento infantil surgiram num panorama histórico de padronização e homogeneização, e estavam coerentes com o horizonte de sentido de dominação e controle social da época. Ao longo do tempo, diversos outros manuais foram surgindo e tais teorias foram sendo feitas de base, repetidas e aplicadas sem ser problematizadas e situadas nos novos espaços. Os guias que são referências no ensino da academia foram desenvolvidos num modelo eurocêntrico do século XIX, momento em que a produção intelectual na Europa era crescente, ao tempo em que muitas colônias estavam sendo desocupadas, embora permanesse o desejo por controle, domínio e exploração que não cessava com os movimentos de independência que irrompiam. A imposição de modelos a seguir iniciou-se a partir desse viés de dominação moderno, estabelecendo e cristalizando uma relação colono, explorador e superior versus colonizado, explorado e subalterno (p. 3)

No que tange à etapa inicial da vida do Homem, inúmeros manuais psicológicos e pedagógicos foram produzidos objetivando padronizar o certo ou o errado, o normal e o patológico (AUGRAS, 1978). O pensamento calculante se expressa nas regras e normas através das quais o homem estruturou e continua estruturando como determinantes de um único modo de ser.

Segundo Dourado (2019) "As verdades que sustentam as teorias do desenvolvimento estão no horizonte da técnica moderna visando alcançar o sentido de adequação"(p.49). O sentido hegemônico de certeza, correção e adequação foi cunhado pelos romanos como verdade, *veritas*, e está relacionado ao sentido tomado pelo senso comum e pela ciência moderna. Heidegger

(2008) retoma a concepção grega de verdade como clareira, *aletheia*: o desvelamento daquilo que se mostra e se oculta, o que traz à tona o desvelamento de algo que está ali e, contudo, está encoberto. Nesse sentido, a verdade é o desvelamento do ser subsistente (ou o ser simplesmente dado), é o que determina o ser-aí. Heidegger faz uma investigação da verdade, não como subjetiva, recusando o pressuposto cartesiano de sujeito, de ego, o que leva ao caminho do estranhamento para pensar a verdade a partir do ser-com-outro.

No horizonte do pensamento cartesiano a ciência moderna legitimou diversos saberes, nos quais as teorias do desenvolvimento infantil cultivaram suas hipóteses as quais foram posteriormente tomadas como verdades (DOURADO, 2019). A Psicologia Desenvolvimentista estruturou um modo de pensar a criança moderna, em que criticar esse modo de pensar, e propor outro é lançar aquele que trabalha com a criança em um lugar amorfo, de constante abertura e vir a ser. Castro "cria um campo de discussão em que traz a primeira guerra mundial como um marco na posição de dependência e incapacidade sociopolítica da criança e, busca em suas pesquisas, sobre psicologia política, aparatos teóricos que recolocam a criança como um ator político"(DOURADO, 2019).

Principalmente o modo como as teorias desenvolvimentistas são absorvidas e repetidas em diversas outras instancias do saber contribuem para a manutenção de distorções e danos. Edmund Husserl (1935), precursor de Merleau-Ponty e Heidegger, em seus estudos, aponta para uma perspectiva fenomenológica da criança que também apresenta uma causa final (*telos*); apesar de abordar a criança enquanto ser-no-mundo e não diferenciar o ser criança do ser adulto, seu pensamento ainda mostra-se incipiente ao apontar para a necessidade de a criança despertar para o mundo a partir do ato da empatia.

## Considerações Finais

Consideramos que já se encontram em desenvolvimento novas propostas para trabalhar com o desenvolvimento infantil de modo mais flexível, contudo encontram-se pautadas nas teorias desenvolvimentistas tradicionais, como Freud, Piaget, Vygotski e Wallon. Han (2017) afirma que a planificação da vida trata o conhecimento dos fenômenos de modo cristalizados com o estabelecimento de verdades unívocas, o normal é a regra e busca-se anular todo o diferente, a sociedade se tornar planificada, bem como seus pensamentos e seus modos de viver. Desse modo, mesmo buscando produzir novos conhecimentos, as produções legitimadas e replicadas parecem ainda reproduzir teorias do desenvolvimento humano cunhadas na lógica do homem cartesiano com uma nova roupagem.

O olhar que desconstrói lançado às teorias do desenvolvimento dos ciclos da vida do homem cria alternativas para emergirem novos caminhos para pensar a criança e suas possibilidades considerando a criança de modo plural de inter-relação apropriado a cada contexto cultural e social. Nesse sentido a postura da fenomenologia hermenêutica heideggeriana nos permite explorar propostas de investigação que cultivam novos caminhos para alcançar novos resultados que reconhecem o desenvolvimento infantil e humano num curso não-linear, porém progressivo dos ciclos da vida, no qual não existe a obrigatoriedade de se passar por todos os ciclos.

## Nota

Parte do artigo foi apresentado como pré-requisito para aprovação no Componente de Epistemologia do Curso de Doutorado do PPGES |Linha de Pesquisa: Sociedade, Cultura e Ambiente

## Referências

- AUGRAS, M. O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- CASANOVA, M. A. Compreender Heidegger. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CASTRO, L. R. (Org.) Re-visitando a infância contemporânea: passagens, possibilidades e destinos. In: COLOQUIO DO LEPSI IP / FE-USP, 3., 2001, São Paulo. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032001000300013&lng=en&nr m=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032001000300013&lng=en&nr m=abn)>. Acesso em: 02 jan. 2019.
- CHAVES, M.M.F; CHAVES, S.M.F. A Ciência Positivista: O Mundo Ordenado”, In Iniciação científica, CESUMAR, Ag-Dez 2000, Vol. 02 n. 02, pp. 69-75. 2000.
- CYTRYNIVICZ, M. B. Criança e Infância: fundamentos existenciais, clínica e orientações. Portugal: Chiado, 2018.
- DILTHEY, W. Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- DEL PRIORE, M. (Org.) História das crianças no Brasil. 3. Ed., São Paulo: Contexto, 2002.
- DESCARTES, R. O discurso do método. Editora WMF Martin Fontes, São Paulo: 2011.
- DOURADO, M. P. B. Criança e finitude: um estudo fenomenológico sobre os sentidos da morte da criança. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Sul da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade. – Porto Seguro, 2019.
- \_\_\_\_\_. Na América Decolonial Crianças ou Infâncias? Uma interrogação sobre a teorização da fase inicial da vida. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 50, n. 3, nov. 2019/fev. 2020, p. 249–266. 2019a.
- FIGUEREDO, L. C. M. Matrizes do pensamento psicológico. 10. Ed.. Petrópolis: Vozes, 2003.
- FEIJOO, A. M. L. C. Clínica psicológica: filosofia e praxis. In: FEIJOO, A. M. L. C. (Org.) Psicologia clínica e filosofia. Belo Horizonte, MG: Fundação Guimarães Rosa, 2009, p.41-72.
- \_\_\_\_\_. Crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 16, n. 3, p. 409-417, jul./set. 2011.
- FEIJOO, A. M. L. C. Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN, 2015.
- FREITAS, J. L.; OLIVEIRA, E. S. T. & ROSA, A. A. Revisão bibliográfica das publicações acadêmicas sobre a criança na perspectiva fenomenológica.

Revista da Abordagem Gestáltica. Goiânia, v. 23, n.3, 2017.

GIANNELLA, V. Epistemolôque? Epistemologia para não filósofos, guiando a ação para o tempo que vem. Em: TERCEIRO INCLUÍDO v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 339-354, Artigo 95. Dossiê ECOTRANS: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade. Disponível online

GILL, D. Um diálogo entre Piaget e Martin Heidegger sobre a infância. In: FEIJOO, A. M. L. C. Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN, 2015, pp.85-114.

HAN, B. C. Agonia do Eros. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HEIDEGGER, M. Seminários de Zollikon. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. Ensaio e Conferências. Tradução de Emanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schubak. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Introdução à filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. Meu caminho na fenomenologia. Tradução de Ana Falcato. Corvilhã, LusoSofia: Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Ser e tempo. Tradução Fausto Castilho. São Paulo: UNICAMP/Vozes, 2012.

HUSSERL, E. L'enfant. Le première Einführung. Alter: Revue de Phénoménologie, 1935.

\_\_\_\_\_. Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia. Tradução de Frank Oliveira. São Paulo, Madras Editora: 2001.

JACÓ-VILELA, A. M. Análise inicial da produção escrita em psicologia no Brasil. In: JACÓ-VILELA, A. M.; MANCEBO, D. (Orgs.) Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p.93-109.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. Ed. São Paulo: Summus, 2016.

MERLEOU-PONTY, M. Psicologia e Pedagogia da criança: Curso de Sourbonne 1949-1952. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MATTAR, C. A criança e a família: aspectos históricos e dilemas contemporâneos. In: FEIJOO, A. M. L. C. Ser criança: uma compreensão existencial da experiência infantil. Rio de Janeiro, RJ: Edições IFEN, 2015, p.13-34.

NEUBERN, M. As Emoções Como Caminho Para Uma Epistemologia Complexa da Psicologia. In: Psicologia: Teoria e Pesquisa. Maio-Ago 2000, Vol. 16 n. 2, pp. 153-164.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. Cortez Editora, São Paulo: 1987

SILVEIRA, M. J. Filosofia e interdisciplinaridade. In: Proposições, V. 28, N.1 (82) |jan./abr. 2017. PP. 125-140.

SOUZA, J. P. M. Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/epistemologia/> Campinas, SP 16 de fevereiro de 2011. Acessado em 30/07/2019.